

O GESTO DO ZÉ POVINHO: DA FIGA AO MANGUITO*

JOÃO MEDINA**

“A cultura é a hereditariedade social.”
Ralph Linton, *The Study of Man* (1936)

O Zé Povinho, não o esqueçamos, tem sido sobretudo — ou unicamente — considerado sob o ângulo da história da Arte, da história da caricatura. São recentes, e, sem falsa modéstia se diga, todos de nossa autoria, os primeiros estudos nos quais se pretendeu observar o Zé como aquilo que ele substancial e onticamente era, pretendera ser e ainda é, ou seja, como um estereótipo nacional, o homólogo de outras figuras icónicas como John Bull, Miguel Alemão, Tio Sam, etc. Um ícone, portanto, um símbolo sobretudo visual, forma plástica que dá carne a um aspecto peculiar do nosso imaginário nacional e da nossa própria personalidade base, encarregado de veicular um Ethos, uma idiosincrasia — já o temos dito e redito ⁽¹⁾.

* O presente estudo foi, entretanto, publicado noutros lugares, dada a demora da publicação do presente número da *Revista*, e da qual é responsável o coordenador da mesma.

** Universidade de Lisboa.

⁽¹⁾ Vide os nossos artigos:

— “O Zé Povinho durante a República”, revista *Clio*, Lisboa, vol. 3, 1981, pp. 103-125, ilustr., retomado no nosso livro *Oh! A República!...*, Lisboa, INIC, 1990, pp. 203-223, bem como na nossa *História contemporânea de Portugal*, tomo I do vol. I (*República*), Lisboa, Amigos do Livro, s.d. (1986), pp. 131-144.

— “Zé Povinho e Camões / Dois pólos da prototipia nacional”, revista *Colóquio Letras*, nº 92, Lisboa, Julho de 1986, pp. 11-21, ilustr.

— “Ethos e Pathos do Zé Povinho”, revista *Atlântico*, nº 10, Funchal, Verão de 1987, pp. 85-103, ilustr.

— “O Zé Madeirense”, revista *Isleña*, nº 1, Funchal, Julho-Dezembro de 1987, pp. 38-44, ilustr.

— “Zé Povinho and John Bull: The clash between two national stereotypes”, *Revista Isleña*, nº 10, Funchal, Jan-Jun. 1992, pp. 19-34.

— João Medina, “O Gesto do Zé Povinho: da figa ao manguito”, in *História de Portugal* (dir. de João Medina), vol. XV, Alfragide, Ediclube, s.d. (1993), pp. 115-126.

Apesar de ser mais do que uma figura puramente anedótica do nosso quotidiano satírico, constituindo-se antes como vera autocaricatura do “homo lusitanus” desde o derradeiro quartel do século passado, o Zé não tem concitado a atenção dos estudiosos para além do campo artístico propriamente dito; o que talvez explique o silêncio que até agora tem rodeado a sua explicação simbólica, a sua leitura como um enigma, um emblema, um elemento de iconologia cultural, psíquica, nacional, e tão arreigadamente lusitano como o Galo de Barcelos, o gosto pelo diminutivo ou o Bacalhau nas ementas tradicionais. Visto deste ângulo, o Zé não se limita a um “compère” da caricatura política, do “cartoon” desde o momento em que, talvez inspirado em figuras de teatro de cordel (Bertoldo, Bertoldinho, o Cosme Manhoso, etc.), Rafael Bordalo Pinheiro genialmente o inventou, ou melhor, *sintetizou* em 1875.

Desde então tem o Zé Povinho levado entre nós, nas páginas da imprensa e nos palcos do teatro ligeiro, na linguagem coloquial (sobretudo como “Zé Pagante” ou, *as secas*, “Zé”) e até na literatura — desde 1881 que há um livro que lhe dá foros de simbologia nacional, política, o volumezinho de 71 páginas, com o título de *Zé Povinho ou a Vítima do Regimen Parlamentar* (sic), assinado por “Um Veterano da Liberdade” ⁽²⁾ —, uma existência obstinada, portuguesmente vernacular como nenhuma outra, persistente, indispensável sempre que se quer pôr o Povo — aliás Povinho — a falar pela colectividade, em prol ou em nome do comum, de todos nós. Autocaricatura que muitos acharão repulsiva, humilhante ou degradante, mas que nem por isso é menos idónea como tradução das taras, atrasos, arcaísmos mentais e sociais colectivos do País que realmente somos, bem diferente dessoutro mítico símbolo a que o Oitocentismo deu excelsa aura, o do Bardo da Nação, — Camões.

Mas esta existência quase que banal e ritual acabaria mesmo por fazer esquecer-nos que o Zé faz parte integrante da nossa paisagem intelectual, quotidiana, de todas as ocasiões. Uma certa pompa universitária, paredes meias com o habitual pedantismo próprio do meio académico, funcionou ainda como um filtro daltónico que nos coibia de lhe reconhecer o lugar, valor simbólico e função psíquica que esse nosso Polichinelo do dia-a-dia podia encerrar para quem o quisesse olhar com olhos etnológicos, etnográficos ou até meramente historiográficos. Só os

⁽²⁾ Anónimo, *Zé Povinho / ou / A vítima do regimen parlamentar* [sic] / por / um veterano da Liberdade, Lisboa, Tipografia Guedes, 1881, 71 p.

historiadores de Arte, se dignaram aliás dar-lhe galas de objecto de estudo, de entidade historianda, historiável, historiográfica... Os etnólogos, esses faltaram todos à chamada: nem J. Leite de Vasconcelos nem os seus descendentes coevos se preocuparam em olhar para o Zé, embora o venerando fundador da nossa etnografia lhe tivesse dedicado, é certo, uma perspicaz mas mínima alusão⁽³⁾. Pouco atreitos a lerem estudiosos da personalidade básica como Linton, Kardiner ou mesmo Mikel Dufrenne⁽⁴⁾, os nossos mais jovens cultores de Clio, mesmo quando vindos da história das mentalidades, têm por seu turno desdenhado ocupar-se destes ícones aparentemente triviais e cheios de vulgaridade como o Zé Povinho e a sua existência já mais do que centenária. Os maus hábitos, em História como na vida dos indivíduos ou dos grupos, são difíceis de corrigir — e a Preguiça continua a ser o mais procurado guia dos nossos cultores de Clio.

Assim se explica que, esquecido de etnólogos, etnógrafos e historiadores, sem falar já de gente ainda mais olímpicamente alheia ao quotidiano vulgar da nossa “hereditariedade social”, como psicólogos e sociólogos, o gesto do Zé — como eufemisticamente se designa o Manguito, catalogado entre os gestos obscenos e, por isso mesmo, indigno da atenção de sempre púdicos amigos do Saber ou de farisaicos cultores da Memória (mas só daquela que mereceria ser averbada por “nobre” e “decente”) — não tenha tido até há pouco tempo um só estudioso que lhe dedicasse artigo erudito, e ainda menos livro sábio. Essa a razão destas

⁽³⁾ J. Leite de Vasconcelos faz uma curta referência ao Zé Povinho, sublinhando nele a sua bondade nativa, própria do Português, no vol. IV da *Etnografia portuguesa*, póst., Lisboa, Imprensa Nacional, 1958, p. 494.

⁽⁴⁾ *Vide:*

— Ralph Linton, *The Study of Man / An introduction*, Nova Iorque e Londres, D. Appleton-Century Company, 1936, 503 p. (maxime pp. 283-303).

— Abram Kardiner, *The psychological Frontiers of Society* (de colab. com R. Linton, C. Du Bois e J. West), N. Iorque, Columbia Univ. Press, 1945, 475 p. (maxime pp. 413-454, de A. Kardiner).

— Mikel Dufrenne, *La Personnalité de Base / Un concept sociologique*, Paris, P.U.F., 1966, 351 p. (maxime pp. 69-85 e 201-220).

— Abel Miroglio, *La Psychologie des Peules*, Paris, P.U.F., col. Que Sais-Je?, nº 798, 1971, 127 p.

— H. C. Duijker e N. H. Fridja, *National Character and national Stereotypes / A trend report prepared for the International Union of Scientific Psychology*, Amesterdão, North-Holland Publis. Company, 1960, 238 p. (extensa bibliografia: pp. 93-114 e 170-221).

linhas que procuram mostrar que no comportamento do Zé existe uma linguagem gestual extremamente curiosa e simbólica que merecia amplo debate e inquérito por parte dos cultores das ciências humanas em Portugal. O facto de estarmos em campo virgem oferece ao mesmo tempo, claro está, a vantagem e a desvantagem de pisarmos terreno onde praticamente tudo está por fazer, balizar, inventariar, interpretar, com a única ressalva dum livrinho de Leite de Vasconcelos, a que já aludiremos.

1. O manguito — a palavra e a coisa

Antes de mais, a própria palavra Manguito parece um enigma, um mistério, algo que tem gozado de um desdém universal, como se o vocábulo, designando coisa imprópria, fosse ele mesmo impróprio também, tanto para ser dito como para ser ouvido, prescrutado por mente científica. A palavra parece existir pelo menos desde o séc. XVII, surgindo em Francisco Manuel de Melo (1608-1666), na sua *Feira de Anexins*, só editada em 1875, precisamente no ano em que o Zé aparecia na *Lanterna Mágica*. No séc. XIX, os dicionários mais cotados ignoram a palavra, nomeadamente os de Aulete, Roquete e Domingos Vieira (1861), este último reeditado a cargo de Teófilo Braga e Adolfo Coelho. O primeiro que lhe dá cidadania no aprisco lexical seria António de Morais e Silva, no seu *Dicionário da Língua portuguesa*, de 1889, surgindo o vocábulo Manguito explicitado como “gesto obsceno”, o que será a explicação invariável durante mais de uma centúria, já que, com excepção de “pequena manga”, a voz não se prestará a mais significados. A obscenidade associada ao gesto nunca é, aliás, desvendada, comentada: está-se sempre diante do óbvio, do apodítico. — ou do censurado, recalçado?... A recentíssima reedição do Morais por José Pedro Machado, Augusto Moreno e Cardoso Júnior dará mais relevo aos significados vestimentais do dito vocábulo, explicando que ele é um “resguardo dos punhos das mangas”, e que no Brasileiro do Norte significa “manga pequena”, ou ainda, a terminar, que é também “gesto ordinário e obsceno” (*Novo Dicionário Compacto da Língua portuguesa*, Lisboa, vol. III, 1987, pp. 425-426). Um dicionário usual como o da Porto Editora não vai mais longe, catalogando Manguito como “gesto indecente”. E mais não dizem — porque não sabem? — os nossos lexicógrafos...

Os dicionários, dizia Voltaire, lembram os relógios, pois nunca dão uma informação certa. De facto, no tocante ao gesto-do-Zé, nada nos adiantam de realmente interessante para a criação, semântica e significado

real da coisa que a palavra designa. Em vão se procuraria também conezionar esse gesto com as chamadas “armas de São Francisco” que, na linguagem vulgar, passam às vezes por equivalentes ao Manguito que nos ocupa aqui: trata-se duma associação abusiva ou meramente equivocada, um curto-circuito verbal, já que as chamadas “armas” franciscanas, representando dois braços cruzados em X, não designam senão a passagem do testemunho ou do ensino de Cristo para o seu filho de Assis, e nunca, como logo se entende, qualquer equivalente ao gesto desabrido em causa.

Quanto à literatura lusa do nosso tempo, o Manguito, embora tão popularizado pelo Zé como seu gesto próprio, emblemático até, levou também uma existência obscura, já que apenas Almada Negreiros, no texto que representa aliás a apoteose da imprecação homérica nas nossas Letras, ousou não só recorrer ao manguito mas até lavar-lhe um alvará de grandiosa dignidade desafrentada diante desse Júlio Dantas síntese de todas as baixezas e nulidades artísticas nacionais, nesta passagem do seu celebrado Manifesto de 1915:

“E fique sabendo o Sr. Dantas que se todos fossem como eu, haveria tais munições de manguitos que levariam dois séculos a gastar.” (*Manifesto anti-Dantas e por extenso por José de Almada Negreiros, poeta d’Orpheu, futurista e tudo*)⁽⁵⁾.

⁽⁵⁾ José de Almada Negreiros, *Textos de Intervenção*, Lisboa, Edit. Estampa, 1972, p. 15. Eis o parágrafo completo donde extraímos a citação em causa:

“Continue o senhor Dantas a escrever assim que há-de ganhar muito com o Alcufulado e há-de ver que ainda apanha uma estátua de prata por um ourives do Porto, e uma exposição das maquetes prò seu monumento erecto por subscrição nacional do “Século” a favor dos feridos da guerra, e a Praça Camões mudada em Praça do Dr. Júlio Dantas, e com festas da cidade plos aniversários, e sabonetes em conta “Júlio Dantas” e pastas Dantas pròs dentes, e graxa Dantas pràs botas e Niveína Dantas, e comprimidos Dantas, e autoclismos Dantas e Dantas, Dantas, Dantas, Dantas... E limonadas Dantas-Magnésia.

E fique sabendo o Dantas que se um dia houver justiça em Portugal todo o mundo saberá que o autor de *Os Lusíadas* é o Dantas que num rasgo memorável de modéstia só consentiu a glória do seu pseudónimo Camões.

E fique sabendo o Dantas que se todos fossem como eu, haveria tais munições de manguitos que levariam dois séculos a gastar.” (*loc. cit.*)

Como poucos eram tão abrasivamente coléricos perante os muitos Dantas das Artes e das Letras pátrias, aquelas munições de Manguitos não se gastaram, nem vieram a ser utilizadas noutros textos de intervenção, mesmo por parte da rapaziada modernista. Mesmo nas letras, o gesto-do-Zé parecia demasiado sulfuroso ou contestatário para ter cabimento ...Talvez à consabida “brandura dos nossos costumes” conviesse mais a discreta Figa, susceptível de ser feita à sucapa, nas entrelinhas ou em eruditas notas-de-rodapé.

2. A Figa, gesto mágico de protecção

Dissémos que Leite de Vasconcelos não falou do Manguito. Mas dedicou à Figa uma interessante brochura, produto duma conferência que realizou no Porto, diante de alunos da Faculdade de Medicina local, intitulada *A Figa / Estudo de etnografia comparativa, precedido de algumas palavras a respeito do “sobrenatural” na medicina popular portuguesa* ⁽⁶⁾. O livrinho tem 136 páginas e constitui uma interessantíssima reflexão sobre o gesto mágico da Figa, feito com a mão fechada, de molde a *quebrar* o mau olhado de um inimigo, gesto plasmado ainda em amuletos diversos, de todos os tamanhos e formas, feitos de ferro, corno, marfim, âmbar, coral, vidro, etc. A Figa, o gesto ou o amuleto, usava-se contra o Quebranto ou Mau Olhado, tendo chegado a ser utilizado como título por um jornal político portuense, em 1826, com um desenho do dito gesto, feito com a mão direita, no cabeçalho, decerto para esconjurar os absolutistas tripeiros: o jornal *A Figa* era constitucional e parece ter durado pouco.

A Figa, explicava ainda Leite de Vasconcelos, fazia-se também às escondidas, para combater vários males, de acordo com as mais variadas superstições, como a de que era aziago cruzar-se alguém com um negro antes do almoço. A Figa era também empregue contra a acção funesta atribuída a dadas pessoas anómalas ou defeituosas ou ainda de carácter sobrenatural, geralmente ligadas ao Diabo ou da sua cor preta. Contra Diabos e Bruxas, em suma, se faziam figas, às escâncaras ou disfarçadamente. Também era usada, prossegue o nosso guia etnográfico,

⁽⁶⁾ José Leite de Vasconcelos (1858-1941), *A Figa / Estudo etnográfico comparativo precedido de algumas palavras a respeito do “Sobrenatural” na medicina popular portuguesa*, Porto, Araújo e Sobrinho, 1925, 136 p., ilustr.

como expressão de desprezo (e aqui remetia Leite de Vasconcelos para Tomás Pires, nos seus *Cantos populares portugueses*). Era ainda usada como uma espécie de praga, sendo isso lícito dizer-se que se faz ou se dá figa a alguém ou alguma coisa com o intuito de a rebaixar. Usava-se também a figa como forma de anular a palavra dada, desobrigando-se assim a pessoa daquilo que prometeu. Também aqui a Figa tem o seu quê de magia eficaz, secretamente desfazendo o que em aparência se promete. Era ainda usada para proteger animais. Quanto à sua origem, diz Leite de Vasconcelos que tem uma ancestralidade milenar que aponta para a exibição mágica das “partes pudendas” (*op. cit.*, p. 91), que seriam exibidas às pessoas ou espíritos da Natureza que fossem hostis, para os conjurar ou vencer. Daí a forma obviamente sexual do gesto, com o polegar sobressaindo dentre o indicador e o dedo médio, figurando assim tanto o pénis como a vulva. A palavra portuguesa Figa viria aliás da italiana “fica” (vulva). Em suma, gesto de zombaria ou desprezo, a Figa destinava-se a anular o Quebranto ou Mau Olhado ou qualquer Hostilidade de pessoas ou forças maléficas, e isto recorrendo à exibição das partes vergonhosas tanto do homem como da mulher. Dürer representou num desenho seu a Figa com uma evidente intenção fálica, aliás muito comum em toda a Europa, nomeadamente latina. Gesto de zombaria, de desprezo, de obscenidade na medida em que troça ou ridiculariza o adversário, assim nos aparece a Figa, tal como no-la apresentou Leite de Vasconcelos.

3. Da Figa ao Manguito

E que tem o Manguito, gesto mais amplo, feito com dois braços cruzados, a ver com essa espécie de sua miniatura que é a Figa, com o polegar colocado entre o dedo médio e o indicador? Se a Figa é um gesto mágico de raiz fálica (ou na sua variante feminina, vulvar) destinado a anular o Quebranto ou o Mau Olhado inimigo vindo de pessoas defeituosas (como os corcundas), diabólicas ou presumidas tais (de cor negra, v.g.) ou contra entidades sobrenaturais cujos poderes se temem (Diabos e Bruxas, v.g.), uma atitude de mofa ou agressivo desdém, que dizer do Manguito senão que ele parece preencher funções absolutamente semelhantes? O Manguito parece não ser outra coisa que uma variante da Figa, a Figa feita de outro modo, com gesto mais enfático, mais amplo, mais ostensivo: cá está a mesma simbolização fálica ou sexual (o coito, que a Figa também, estiliza), mesma atitude de repúdio, desdém, repulsa

activa, escorraçamento, reforçada por uma expressão indecorosa qualquer — entre nós, é habitual o expressivo *TOMA!* A Figa servia também para os mesmos fins, com a exibição impúdica das tais partes íntimas, mediante, portanto, a apresentação do que deve ser recatado, escondido aos olhos. A função de desprezo e zombaria, óbvia no Manguito, está também na Figa. Quase tudo o que Leite de Vasconcelos escreveu na sua brochura etnográfica de 1925 podia ser repetido, “*ipsissimis verbis*”, do seu correlato com braços, — o Manguito.

4. O Manguito, ou o Gesto do Zé

O facto de o Manguito ser tardio na vida do Zé Povinho — como veremos, só surge quase trinta anos depois da invenção deste último por Bordalo — não deixa, neste aspecto, de ser intrigante. Se o Zé nasce praticamente com todos os seus adereços, tiques e Ethos próprio desde 1875, panóplia existencial à qual se acrescenta, pouco tempo volvido, em 1880, a Sela, elemento fundamental e simbólico da sua vida sublunar, representando a permanente submissão de Bestinha popular que todos os Mandantes, Poderosos e Chefes cavalgam, reduzindo-a a animal de carga, que paga, sua, dá os vivas da praxe e obedece quando lhe mandam votar, já este dissonante comportamento gestual parece tardio: ele só aparece com a louça das Caldas, agora sob a direcção de Rafael Bordelo Pinheiro, inventor do Zé Povinho, na fase em que a sua imagem popular e étnica se transforma em boneco de cerâmica, acompanhado de outros personagens populares, figurando em cinzeiros, potes, etc. Agora, metido num barril, o Zé cruza lateralmente o braço esquerdo com o direito na vertical, formulando uma atitude de Figa mais ampla, acompanhada em geral de uma frase rudemente lapidar de recusa — *ORA TOMA!* —, inscrita na base da peça. E este gesto, inventado para objectos de cerâmica, nos começos do séc. XX, não apareceu portanto imediatamente na linguagem corporal do nosso Zé quando este, com a abundância e a frequência que se sabe, fala — ou gesticula — por nós nas páginas dos jornais satíricos: a cerâmica do manguito é de 1904⁽⁷⁾, tendo logo tido larga aceitação nas

⁽⁷⁾ Vide *Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro / Exposição comemorativa do Centenário da Fundação da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha / (1884-1984)*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 249 p., ilustr.

tabernas, casas de pasto e outros estabelecimentos onde o Zé recusa o fiado, perguntando: “Queres fiado? Toma!” E lá está o gesto-do-Zé a explicitar aquele *Toma!* brutal, peremptório, definitivo...

Na caricatura, o gesto só parece surgir dois anos depois de ter sido plasmado na cerâmica caldense por Rafael Bordalo Pinheiro — e sabe-se até que ponto a cerâmica das Caldas da Rainha cultivou o priapismo, a obscenidade e o anedotário indecente lusitano, a ponto de Stendhal, no seu *De l'Amour*, se lhe referir... —: só em 1906 topamos com o primeiro gesto-do-Zé, exibido, como depois se tornaria quase proverbial, por ocasião das eleições de 1906. “QUERES O VOTO?”, pergunta o Zé, num desenho de Silva e Sousa n’*Os Ridículos*⁽⁸⁾, explicando-se, numa versalhada apropriada, o desprezo que o nosso estereótipo nacional sente por todos os políticos que lhe pedem o voto por ocasião de mais uma farsa eleitoral. E este gesto, que em nosso entender é o primeiro na imprensa portuguesa, traduz a zombaria que os versos explicam, escarnecendo do político então em causa, João Franco, candidato a ditador nesse mesmo ano: mas se o “Mexias” não dá ao Povo estradas, empregos nem conchegos e ainda lhe vem pedir a sua lista, interroga-se o Zé do Manguito destarte:

“E queres que eu vote,
grande maroto,
toma o meu voto,
olha, aí o tens!...
(...)
És um forreta
és rabujento,
és avarento
dos de uma figa!
Como conheço
os feitos teus
digo-te adeus
à moda antiga
(...)
Essa vaidade de mandarim

⁽⁸⁾ *Os Ridículos*, bi-semanário dirigido por Cruz Moreira (Caracoles), Lisboa, 18-VIII-1906, p. 1; des. de J. Silva e Sousa, versos sem autor.

nunca terá fim,
nunca se doma?
Querias o voto?
Ora o ladino!
Toma menino!
Ainda mais toma!" (*Ibidem*).

Algum tempo volvido, em 1910, o Zé repete o gesto e mostra-se igualmente obsceno, agora para todos os demais políticos, mesmo os Republicanos, metendo-os a todos no mesmo saco, afirmando:

"E mesmo ao tio Bernardino [Machado]
Seja embora desatino
já não tenho em redoma,
há muito que sonho e cismo
que tudo é um platonismo...
Toma!" (Agosto de 1910) ⁽⁹⁾.

Em suma, a zombaria e o seu estribilho — ORA TOMA! — prolongavam no gesto do Zé o desdém e a impudor da Figa primitiva, provável antepassado do Manguito, esse Gesto-do-Zé. Esse gesto, com efeito, tornar-se-ia comum doravante, exprimindo a mesma velha desconfiança de sempre pelos políticos, mailas suas trampolinas de carneiro-com-batatas, pantominices e promessas vãs. Durante as invasões de Couceiro, uma folha volante representava o Zé perguntando aos Paivantes: "Com que então convinha a monarquia? Ora... toma!!!"⁽¹⁰⁾. O mesmo diria depois o Zé aos Republicanos, já desenganado das promessas do novo sistema político implantado em 1910, mostrando-se igualmente

⁽⁹⁾ *Os Ridículos*, 27-VIII-1910, p. 1. com o mesmo desenho de S. Sousa, e versos sem autor.

⁽¹⁰⁾ Panfleto sem data nem local, com um des. de autor não identificado, mostrando o Zé Povinho a fazer um manguito, e o texto seguinte:

"COUCEIRISTAS

Em quatro linhas vos ofereço o meu gesto, que significa a vossa vontade.

Com que então convinha a Monarquia?

Ora... toma!!!" (dimens. aproximad.: 30 X 22 cm). Esta folha volante só pode ser de 1911 ou 1912.

desdenhoso do novo regime de barrete frígido, como o fora do da coroa régia...⁽¹¹⁾.

Em suma, o Zé faz sua a Figa milenar, dá-lhe um conteúdo preciso de contestação, recusa, mofa, repulsa: ao tradicional gesto sofrido, resignado, de meter as mãos nos bolsos, sucede agora uma expressão corporal bastante mais rude e dura, este Manguito indecoroso, de desdém e repúdio. Ele não acredita nas Politeias dos Salvadores: o eterno “entusiasta eleitoral” (era assim que ele se apresentava nas já referidas eleições de 1910, as últimas da Monarquia) descrê de tudo e de todos, e a todos dá o mesmo gesto que os manda “pr’ó diabo que os carregue”, pois, como continua,

“não há urna que me cegue,
 porque a fome não se doma.
 Tenho o bolso sem maquia.
 Tenho a barriga vazia...
 Toma!
 Toma!
 Toma!
 Toma!”⁽¹¹⁾.

O gesto-do-Zé sintetiza a sua descrença absoluta em reformadores, caudilhos, salvadores, messias, redentores de todos os partidos e ideologias. É um repúdio violento, primário e gestual de quem não tem letras nem sabe falar, discursar, discorrer: por isso prefere cruzar os dois braços sobre o peito, com um gesto brutal e uma frase lapidarmente negativa (ORA TOMA!), discurso próprio dum labrego que não ascendeu ainda do estatuto congénito de agregado diminuído, de diminutivo Povinho ao adulto e culto POVO realmente livre, — em suma, Povo Soberano. Incapaz de articular em raciocínios verbais ou argumentos correctamente falados a sua atitude de descontentamento crónico perante políticos, mandantes, poderosos, governantes, polícias e “tutti quanti” a sua atitude de desconfiança, repúdio e até furor, o Zé recorre ao seu gesto proverbial, esse tique simbólico no qual pôs toda a sua alma rude,

⁽¹¹⁾ *Os Ridículos*, 27-VIII-1910 (*vide supra*, nota 9). Veja-se o nosso já ref. estudo sobre “O Zé Povinho durante a República”, in *Oh! A República!*, loc. cit.

simplória e plástica, com uma atitude de total recusa, um *Não!* brutal, obscuro e definitivo. A sua linguagem gestual não passará para a linguagem verbal, precisamente porque o Povo ainda não sabe falar. Quando alguém o fizer por ele — *para ele* —, como Almada Negreiros, a propósito aliás duma peça possidónia de Júlio Dantas, o faria em 1915, o gesto-do-Zé cairá como, afinal, o próprio estereótipo tenderá a fazer-se irrevogavelmente histórico — como o aconteceu, por exemplo, com o seu homólogo John Bull⁽¹²⁾, hoje praticamente recolhido aos arquivos da Memória —, ou seja, por não corresponder mais a uma forma viva de imaginário colectivo, de personalidade base nacional, portanto só quando a própria colectividade, finalmente liberta desta autocaricatura e da carga histórico-social que ela representa, escolher outras formas de se ver ao espelho da Sátira.

Estoril, 26 de Março de 1991.

⁽¹²⁾ Veja-se a bibliografia sobre John Bull no nosso estudo supracit. na nota (1), “Zé Povinho and John Bull: The clash between two national stereotypes”, *Revista Islenha*, nº 10, Funchal, Jan-Jun. 1992, p. 29.